



O ornitorrinco de papel: universidade, cidade e extensão universitária

Autores:

Wrana Panizzi - UFRGS - wrana@terra.com.br

Resumo:

Os anos passam, a vida segue, mas algumas coisas não mudam. Talvez o maior desafio de todos aqueles que se ocupam da gestão da universidade, das cidades e da própria relação da primeira como a segunda através das atividades de extensão, seja os impedimentos burocráticos e o excesso de processos e protocolos a serem seguidos de modo que na maioria das vezes as leis acabam não saindo do papel. Neste sentido, no presente texto busco através de uma inflexão sobre meus trabalhos e estudos, repensar e ressignificar o modo como a universidade, a cidade e a extensão universitária é pensada, sobretudo, do ponto de vista de sua tangibilidade e incidência social. Para isto, realizo no decorrer do texto, uma breve digressão a partir da qual proponho um reviravolta epistêmica com vistas a pensar tanto a cidade como a universidade a partir de uma dupla dicotomia entre a universidade tangível (das pessoas) e a intangível (das agências de fomento, do Estado), quanto da cidade tangível (daqueles que moram nela) e a intangível (daqueles que pensam sobre ela).

O ORNITORRINCO DE PAPEL:

Universidade, cidade e extensão

INTRODUÇÃO

Um dia desses, num desses encontros casuais com o passado que só a mudança de um apartamento para outro proporciona, me deparei com uma grande quantidade de papeis e anotações que só uma mulher que quase cumpre bodas de rubi com Balzac e a Universidade consegue ter. São anotações muitas, rabiscos perdidos que nem mais lembro o porque de estarem ali, e outros que, ao vê-los me sinto tomada por sua zeitgeist.

Dentre os muitos papeis que vão aos poucos acomodando-se nas caixas vejo alguns dos meus projetos de pesquisa de outrora e começo a reorganizar mentalmente o itinerário de pesquisa que, aos longos destes quase quarenta anos de universidade, fui aos poucos construindo. E, logo percebo que durante quase toda a minha trajetória de pesquisa sempre estive preocupada com a universidade e o seu papel, a qualidade do ensino, a gratuidade do ensino público, a incidência social da universidade, entre outras tantas coisas.

Mas também que, meu olhar foi sempre, desde a universidade, ora enquanto pesquisadora, ora enquanto gestora. E, deste modo, sempre olhei a Universidade e a cidade, desde a janela do meu escritório de pesquisa, a partir de estudos e determinados voos – ou melhor dizendo, breves flanares sobre a cidade – que timidamente me impus de uns tempos para cá por sentir que a academia estava a esgotar-se nas velhas teorias sem com isso muito avançar.

Mas, era sempre o mesmo olhar, um mesmo determinado modo de ver a cidade e a universidade que se reproduzia tanto nas aulas de graduação com os neófitos que adentravam ao campo quanto nas teses e dissertações, ou seja, daqueles que tinham o corpo marcado pelo sol e pelos caminhos e descaminhos da pesquisa universitária. Eu, precisa de ar, me sentia sufocada, precisava olhar a cidade e a universidade de outra maneira, precisava sentir seu cheiro, ver sua cor, precisava na cidade me perder para poder encontra-la e incursionar pelo modo como Mário Quintana percebe a cidade de Porto Alegre e suas mudanças como o fiz no texto “Porto Alegre e seus Quintanares: essa pequena grande cidade vista pelos olhos de Mário Quintana” (PANIZZI e MEIRELLES, 2018) que me permitiu realizar um reviravolta epistêmica em meu objeto de estudo que, desde muito, têm sido a cidade e a universidade.

A CIDADE TANGÍVEL

Já faz alguns anos que, quase toda semana – ou pelo menos uma vez por mês – costumo sentar num café à frente do meu antigo apartamento e conversar com um amigo professor e pesquisador. Digamos que de onde estou, um jovem pesquisador, cheio de ideias e sonhos que olha para cidade de um outro modo e faz dela uma leitura diversa. Uma leitura que busca pensar a cidade desde um outro ponto de vista, qual seja, das coisas que são intangíveis e que, muitas vezes, não percebemos por estarmos acostumados a pensar e ver a cidade sempre do mesmo modo como o sapo que vai acostumando-se com calor da água que aos poucos é aquecida até morrer cozido, como já escrevi em outro lugar (PANIZZI, 2017).

Com esse colega, aprendi a olhar para as pessoas que passam na calçada, a perceber o modo como as pessoas caminham, a olhar o modo como a rua é utilizada como um espaço de sociabilidade em função de nossa arquitetura que, hodiernamente, nos enclausura e nos torna cativos de nossos apartamentos de modo que, pouco ou nada sei do meu vizinho de andar ou, mesmo do professor que comigo divide a sala na Universidade, pois nossos encontros são apenas pontuais, fortuitos, nos corredores e elevadores do meu prédio e da universidade – tema esse com o qual também já me ocupei numa palestra que proferi para os alunos de medicina da Faculdade Federal de Ciências Médicas e da Saúde há uns dois anos atrás.

E aos poucos, ao longo de vários cafés e conversas fui aos poucos percebendo que a cidade tangível com a qual se ocupa a arquitetura e o urbanismo é bastante diversa daquela cidade que as pessoas percebem, daquela cidade que elas guardam na memória e que eu mesmo já retomei em uma das formaturas da arquitetura quando escrevi um pequeno livreto, o qual entreguei aos formandos e que, neste, me ocupava da minha vinda para cidade de Porto Alegre e o modo como a percebia foi mudando ao longo do tempo (PANIZZI, 2015).

Uma cidade tangível que para os arquitetos e urbanistas esta ligada ao seu plano diretor, ao modo como ela é ocupada, a finalidade de determinada área, a função social de determinado aparato técnico, arquitetônico etc., a relação entre o número de pessoas e o modo como elas utilizam determinados equipamentos urbanos. Uma cidade tangível que coloca e exige em seu plano diretor praças e áreas verdes nos bairros e mesmo no interior de edifícios e condomínios – que têm a finalidade de garantir a sociabilidade e contato como a natureza – mas que nunca, ou quase nunca são utilizadas.

Eu mesma, nesses últimos dois ou três meses que antecedem a escrita deste texto, dadas algumas coisas que incomodavam em relação as minhas questões de pesquisa, a universidade e a essa certa sensação de finitude que as trinta e poucas primaveras depois de Balzac me garantem, ao qual, atrela-se a minha estada na universidade e atual conjuntura que se impõe para os próximos anos, optei por enclausurar-me no novo apartamento, isolando-me do mundo e, com ele, buscando ter um certo estranhamento. Como na alegoria de Platão, optei durante esse tempo por não olhar a luz do sol e as cores e somente ter contato com o mundo a partir da sombra daqueles que passavam diante da caverna.

Imagem 1: Simulação da teoria da caverna de Platão



Fonte da imagem: <https://sociable.co/technology/plato-cave-simulation-theory/>

Nesta referida alegoria, o diálogo proposto por Platão dá ênfase ao processo de conhecimento e busca mostrar que a visão de mundo do ignorante, que vive de senso comum, e do filósofo, na sua eterna busca da verdade. Mas qual verdade, estava a procurar? O que me incomodava? O que esse tempo de reclusão me mostrou? A resposta para essas questões contudo, estava em outra cidade, não na cidade estéril dos arquitetos e urbanistas, mas sim, nessa cidade invisível, intangível, que só o olhar do humanista consegue descortinar.

Uma cidade que pequenina que foi aos poucos crescendo e teve os céus recortados por gigantescas árvores de pedra, que teve suas ruas esgaçadas por fumegantes dragões movidos a óleo, que tornou-se a prisão de muitos a que tornou cativos e o manicômio de outros que, em tempos de uma modernidade líquida como diria Bauman (2001) tentam a ela, incessantemente se adaptar. E vejo que como estes últimos, me sinto enclausurada, presa a uma camisa de força e, também, me dou conta no momento da escrita deste texto que o meu tempo junto a universidade é quase findo pois como costume brincar, muitas vezes, e cada vez têm sido mais frequente, já sou quase uma vaga. E, isso, de certa forma me incomoda, pois ainda tenho muito a pensar sobre a cidade – e logo agora que aprendi a sentir o seu cheiro... Mas chegou a hora de parar de olhar as sombras que a muito estão a se refletir na parede ao fundo. Chega de velhas teorias e modelos que buscam pensar a cidade e a universidade dentro de certos parâmetros que beiram o absurdo de se criarem praças e espaços que não são usados, de se criarem e se proporem políticas que nunca se efetivam e/ou que efetivamente tem alguma incidência social. É, hora de realizarmos uma reviravolta

epistêmica. É o momento de pararmos de pensar a universidade a partir de sua dimensão utilitária como muito bem nos provocou Chauí em conferência realizada na Universidade de São Paulo anos atrás.

Imagem 2: Estudantes tomam a Universidade de Córdoba.



Fonte da imagem: <http://www.reformadel18.unc.edu.ar>

É preciso que a Universidade pare um pouco de preocupar-se somente com a sua sobrevivência enquanto instituição secular e, assim como eu, olhe para trás, abra suas caixas antigas, olhe seus rabiscos e apontamentos e realize um balanço que lhe permita retomar a sua finalidade última, qual seja, de formar pensadores livres. Mas, principalmente, que olhe para o Manifesto de Córdoba e para tudo aquilo que, novamente, este ano, foi retomado na Conferência Regional de Educação Superior (CRES, 2018), realizada em Córdoba, na Argentina, mas que, ao que parece continua como o manifesto, perdido, por entre as pilhas e pilhas de papéis, de relatórios e normatizações legais que cada vez mais desviam a universidade de seu propósito mais seminal e fecundo.

A UNIVERSIDADE TANGÍVEL

Em 1988, com a chamada constituição cidadã, ficou estabelecido em lei a “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” de modo que, a partir de então, “as atividades universitárias de pesquisa e extensão poderiam receber apoio financeiro do poder

público” (BRASIL, 1988). Algo que, efetivamente virá a ocorrer a partir da década de 1990 com a institucionalização da extensão nas universidades e a criação do PROEXT (Programa de Fomento à Extensão universitária) em 1993; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996; o Plano Nacional de Extensão em 1998; o Plano Nacional de Educação (PNE) em 2001; o novo Plano Nacional de Educação (PNE) em 2014 que, estabelece e reforça metas e estratégias que envolvem a educação no contexto brasileiro para o período de 2014-2024 e que busca “assegurar, no mínimo 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”.

Desde essa perspectiva tem-se que como no caso da cidade estamos aqui também a falar de duas universidades. Uma voltada a excelência, a inserção internacional e que pouco ou nada se ocupa da realidade e dos problemas do Brasil. Uma universidade que se preocupa apenas em manter os critérios de produtividade e os escores que lhes garantam o fomento e o financiamento a pesquisa, bem como a manutenção das bolsas de produtividade de seus pesquisadores. Pesquisadores ditos de excelência, com obras publicadas tanto no Brasil quanto no exterior mas que, na maioria dos casos são muito pouco lidos e/ou conhecidos na medida em que pouco ou nada se ocupam dos problemas e das temáticas mais caras a grande parte da população.

São biólogos, químicos e um sem número de nano-cientistas dentro de laboratórios de pesquisa de universidades brasileiras desenvolvem pesquisas ligadas a produção de sementes e matrizes mais resistentes a pragas, a pesticidas e adubos mais eficientes mas que raramente incidem diretamente na mesa do consumidor. São especialistas em inteligência artificial e software que desenvolvem ferramentas de diagnóstico e gestão cada vez mais eficientes mas que tem seu patenteamento feito pelas grandes gigantes da internet como a Microsoft, a Apple, o Google e a IBM de modo que, o acesso a essas tecnologias fica restrito ao interesse e disponibilização destes produtos no mercado por essas empresas.

Não se pode negar, contudo, que grandes avanços científicos são fruto de pesquisas realizadas em universidades brasileiras. Todavia, no desenvolver dessas pesquisas são poucos os cientistas que buscam atrelar seus estudos aos problemas mais imediatos de nosso país de modo que, muitas vezes, se está a pesquisar sobre a cultura de alfaces hidropônicas e/ou a criação de hortas comunitárias ecossustentáveis sem antes averiguar o modo como os agricultores da região realizam o cultivo e o manejo das mesmas, ou ainda, sem conversar com o colega da sala ao lado que esta desenvolvendo alguma atividade de extensão com este mesmo público. No tempo da sociedade em rede, como diria Castells (1999) a universidade dos pesquisadores se isola em sua torre de marfim e se desconecta da realidade, algo bastante semelhante ao observado por Yanus (2006) em seu livro “O banqueiro dos pobres” em relação a Universidade de Bangladesh.

Nessa corrida pela produção somos tratados como cobaias que, em um gigantesco laboratório, cumprem tarefas em troca de algum tipo de recompensa e esquecem daquilo que mais importa a pesquisa, a universidade e a tradição humanista, qual seja, de que a ciência tem como fim o uso do pensamento metódico e sistemático como vistas ao pleno desenvolvimento das potencialidades humanas.. E, nessa gigantesca máquina-mundo, os corredores da universidade se tornam em labirintos por onde correm os ratos de Dollard e

Miller (1950) em busca da satisfação de seu ego (o queijo) que a pós o breve choque lhe oferecido pelo cientista (Agências de Fomento, Estado). E, em nossas salas e laboratórios, acabamos por literalmente nos deixarmos levar por uma canhestra roda da fortuna – que são os escores de produção exigidos – que após cumprirmos determinadas tarefas nos premia com um delicioso petisco (recompensa financeira) como no caso da imagem abaixo, extraída de uma ação publicitária realizada por uma empresa de salgadinhos australiana, a Delites.

Imagem 3: A roda da fortuna e a Universidade



Mas também, estamos falando de uma outra universidade, uma universidade que não possui tal glamour ou status e que conta sempre com poucos recursos para o desenvolvimento de suas atividades. Uma universidade que aos olhos dos primeiros reúne uma série de pesquisadores e professores tidos por estes de menor valor ou apreço, os quais não precisam se preocupar com os índices de produção, com relatórios de pesquisa, com a busca frenética por revistas e periódicos internacionais para publicação dos resultados de seu trabalho, entre outras. Estamos aqui, portanto, nos referindo a uma universidade quase invisível, senão o for aos olhos da primeira, o é aos olhos do Estado e das Agências de Fomento.

Todavia, se aos olhos de seus congêneres essa praticamente não existe. Aos olhos da sociedade essa prerrogativa não é verdadeira. Pois, é, essa universidade extensionista que está lá na ponta, que adentra os bairros, as pequenas propriedades e os lugares mais recônditos deste Brasil. É, através da extensão que jovens são alfabetizados, que são preparados para o mercado de trabalho, que hortas comunitárias e ações sociais diversas são desenvolvidas. É através da extensão que formam-se especialistas lato sensu, que trabalhadores são capacitados, que a universidade adentra a sociedade, as escolas, as empresas.

Contudo, há nesse setor uma certa ausência de regulamentação e fomento de modo que tal atividade está muito mais a mercê do interesse e do ímpeto daquele que a

desenvolve do que ligado aos interesses da instituição. Estamos aqui, sobretudo, a nos referir a universidade que tem sua tangibilidade e existência ligada a dimensão humana e a sua incidência social. Um universidade que, a partir de espaços diversos, consegue diferentemente das atividades de pesquisa realizadas em seus laboratórios, conectar ensino, pesquisa e extensão.

A UNIVERSIDADE E O ORNITORRINCO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O ornitorrinco é um mamífero semiaquático natural da Austrália e Tasmânia sendo o único representante vivo da família Ornithorhynchidae e a única espécie do gênero *Ornithorhynchus* que, juntamente com as equidnas, formam o grupo dos monotremados, os únicos mamíferos ovíparos existentes sendo, portanto, uma espécie monotípica, a qual, não tem subespécies ou variedades reconhecidas. No que se refere aos seus hábitos de vida e interação com o meio ambiente, este, possui hábito crepuscular e/ou noturno, é preferencialmente carnívoro, a sua dieta baseia-se em crustáceos de água doce, insetos e vermes.

Do ponto de vista fenotípico possui diversas adaptações para a vida em rios e lagoas, entre elas as membranas interdigitais, mais proeminentes nas patas dianteiras. É um animal ovíparo, cuja fêmea põe cerca de dois ovos, que incuba por aproximadamente dez dias num ninho especialmente construído. A fêmea não possui mamas, e o leite é diretamente lambido dos poros e sulcos abdominais. Os machos têm esporões venenosos nas patas, que são utilizados principalmente para defesa territorial e contra predadores.

Do ponto de vista genotípico, o ornitorrinco possui vários genes compartilhados tanto com os répteis como com as aves, mas cerca de 82% dos seus genes são compartilhados com outras espécies de mamíferos já sequenciadas, como o cão, a ratazana e o homem.

Já a universidade é uma instituição de ensino superior pluridisciplinar e de formação de quadros profissionais de nível superior, de investigação, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano. Sendo única em seu gênero, fornece o que chamamos tanto de educação terciária (graduação) quanto quaternária (pós-graduação). Juntamente com outras autarquias e instituições públicas gozam de certa autonomia para executar suas atividades-fim. Juntamente, com outras instituições de ensino comunitárias, filantrópicas e privadas como o atual Sistema de Ensino Superior no Brasil.

No que se refere aos seus hábitos de sobrevivência e interação com a sociedade circundante se caracteriza por ter um comportamento recôndito, crepuscular e que de certa forma busca responder a certos estímulos que lhe são demandados por seu mantenedor, por políticas específicas e, também, com vistas a responder demandas sociais específicas de um determinado setor e/ou segmento da sociedade. Se mantém, principalmente, a partir de recursos públicos e da venda de serviços específicos ligados a pesquisa e a extensão no caso das universidades públicas, e do pagamento de mensalidades no caso das universidades privadas.

Do ponto de vista fenotípico e institucional apresenta boa capacidade de adaptação a contextos diversos e adversos o que lhe permite atuar, interagir e responder a demandas de populações e comunidades que estão fora dos grandes centros urbanos. É tida como uma instituição secular cuja perpetuação se dá pelo sistema de cátedra que, através da pós-graduação, perpetua práticas e modelos de ação institucional que garantem a sua manutenção, sobrevivência e perpetuação a longo prazo. Seus gestores possuem forte apreço a pesquisa e a sua defesa, deixando de lado muitas vezes o ensino e a extensão.

Do ponto de vista genotípico a universidade possui em seu DNA elementos, práticas de ação e modelos de funcionamento que são compartilhados com outras instituições sociais já conhecidas tais como a igreja, os partidos políticos e o estado o que implica na reprodução de determinados modos de ação que seguem a lógicas diversas do que aquelas ligadas a sua atividade fim, qual seja, de formar pensadores livres.

Dito isto é a guisa de uma breve conclusão há de se considerar até quando a universidade continuará a embrenhar-se entre as pilhas de papel, e esconder sobre a burocracia, a priorizar a pesquisa e a internacionalização em detrimento da extensão e da manutenção de sua relação com a sociedade. Ou ainda, até quando continuaremos como o ornitorrinco a ser um espécie de quimera que do ponto de vista da letra da lei diz ter como ideal primeiro a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão mas que, na prática, essa, continua a não sair do papel.

Imagem 4: O ornitorrinco e a Universidade



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Contra a universidade operacional – a greve de 2014*. Disponível em: https://www.adusp.org.br/files/database/2014/tex_chau_i.pdf

CRES. Declaração. In: *III Conferência Regional de Educação Superior para a América Latina e o Caribe*. Córdoba, Argentina, 14 de junho de 2018.

DOLLARD, John; MILLER, Neal Elgar. *Personality and Psychotherapy - An Analysis in Terms of Learning, Thinking, and Culture*. New York: McGraw-Hill, 1950.

PANIZZI, Wrana; MEIRELLES, Mauro. *Porto Alegre e seus Quintanares: essa pequena grande cidade vista pelos olhos de Mário Quintana*. Mimeo, 2018.

PANIZZI, Wrana. *Autonomia na Universidade*. Porto Alegre: CirKula, 2017.

PANIZZI, Wrana. *O canto da cidade: ou de uma ode sobre os seus fascínios e encantos*. Porto Alegre: CirKula, 2015.

YUNUS, Muhammad. *O banqueiro dos pobres*. São Paulo: Ática, 2006.